

VOZ DA FÁTIMA

AVE, MARIA!

Director e Proprietário
Dr. Manuel Marques dos Santos

Empresa Editora
«União Gráfica» R. Santa Marta, 158-Lisboa

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Administrador
F. António dos Reis

Redacção e Administração
«Santuário da Fátima» — Sede em Leiria

Crónica de Fátima

(13 de Janeiro)

Dia lindo e encantador, de céu azul e sem nuvens e de sol brilhante, foi o dia 13 de Janeiro, no planalto sagrado da Serra de Aire, onde a Virgem Santíssima, gloriosa Padroeira dos portugueses, se dignou levantar o santuário mais belo e de maior devoção a ela consagrado em terras de Santa Maria.

Apenas de manhã, antes e depois do aparecimento do astro-rei, soprou um vento frio, bastante desagradável, que fazia lembrar aos piedososromeiros que a peregrinação a Fátima é e será sempre, particularmente nos meses de Inverno, um acto de verdadeira penitência.

Os peregrinos, como costuma suceder nesta quadra do ano, a mais rigorosa de todas, eram pouco numerosos, não indo além dumas escassas centenas.

Desde as primeiras horas da manhã, enquanto alguns sacerdotes celebravam o Santo Sacrifício da Missa nos altares da igreja da Penitenciaría, outros ouviam de confissão os fiéis que, depois de purificados com a absolvição sacramental, satisfaziam a sua devoção, orando, assistindo às Missas e recebendo o Pão dos Anjos com sentimentos de viva e edificante piedade.

Ao meio-dia, recitou-se em comum o têrço do Rosário, na santa capela das aparições.

Depois da primeira procissão, celebrou a missa dos doentes o rev.º dr. José Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário Episcopal de Leiria.

Ao Evangelho, o celebrante subiu ao púlpito e pregou, durante cerca de vinte minutos, sobre a Sagrada Família, cuja festa, que ocorrerá no dia anterior, primeiro Domingo depois da festa da Epifania, era, por assim dizer, destinada a encerrar o ciclo litúrgico das solenidades do Santo Natal.

Na sua breve mas substanciosa alocução, o rev.º dr. Galamba de Oliveira tratou da importância da família, da necessidade de uma preparação conscienciosa para o matrimónio, da Santa Família de Nazaré como modelo da família cristã e dos esforços do demónio para dissolver ou deformar o ideal cristão da família, concluindo por frisar a gravidade da limitação criminosa do número de filhos.

No fim da Missa, foi dada a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes.

Seguiu-se a segunda procissão com a veneranda imagem de Nossa Senhora de Fátima, terminando os actos oficiais do dia treze pela tocante cerimónia do «Adeus à Virgem», na capela comemorativa das aparições e dos sucessos maravilhosos.

Visconde de Montelo

MANUAL DO PEREGRINO DE FÁTIMA

Apareceu a 4.ª edição do MANUAL DO PEREGRINO DE FÁTIMA que conta, nas 4 edições, a tiragem de 40.000 exemplares.

Este livrinho que se apresenta com um aspecto novo, encerra, além de uma história resumida do Santuário de Fátima, todas as indicações relativas às peregrinações e peregrinos, modo de fazer a viagem, hotéis, etc., bibliografia, um verdadeiro devocionário e cânticos com músicas.

Tem 192 páginas e custa apenas 3 escudos.

Para os revendedores e directores de peregrinações faz-se ainda abatimento apesar da modicidade do preço.

Pedidos ao Santuário, Câmara eclesiástica de Leiria, ou União Gráfica (R. de Santa Marta, 158 — Lisboa).

N.ª Senhora de Fátima em Macau

É com santo entusiasmo e com uma religiosa emoção que todos os anos Macau em peso celebra com pompa extraordinária os grandiosos festejos em honra de Nossa Senhora de Fátima.

O centro do culto de Nossa Senhora de Fátima em Macau encontra-se na Igreja de S. Domingos. E se em Portugal e Senhora de Fátima é um polo magnético em volta do qual gravitam milhões de corações, sedentos de luz e de vida, também em Macau, que é a Fátima em miniatura, a mesma Senhora é um ímã poderoso a atrair as almas para o Céu.

Na verdade, quando eu contemplo embevecido as multidões que todos os anos acorrem numerosas à Igreja de S. Domingos, quando eu vejo essas multidões abelhar-se reverentes da Sagrada Mesa da Comunhão, quando eu noto o extraordinário esplendor, a devoção e santa emulação de que se revestem os católicos de Macau por ocasião dos festejos em honra da Senhora de Fátima, quando ante meus olhos se desenrola o imponente espectáculo e o quadro arrebatador de milhares de homens que, de vela na mão vão todos os anos em piedosa romaria à Igreja da Penha, quando aos meus ouvidos ressoam essas orações ferventes de fé, esses cânticos maviosos e esses hinos entusiastas que irrompem de milhares de peitos em honra da Senhora de Fátima, em honra da Mãe de Deus e Mãe nossa, em honra da Padroeira dos portugueses, então eu sinto que os meus olhos se arrazam de lágrimas de comção e, no íntimo do meu coração, eu exclamo enternecido: «Sim! Ó Senhora de Fátima, enquanto houver portugueses tu serás o seu amor.»

Olhai para ela!... Percorri todo este Oriente, e vê-la-eis surgir nas terras amenas de Singapura, vê-la-eis levantar-se nas planícies misteriosas da China, vê-la-eis erguer-se alta e bela na região longínqua de Timor, vê-la-eis alçar-se na Fátima do Ultramar que é Macau, vê-la-eis pairar sobranceira na Igreja de S. Domingos que é o altar-mor das glórias de Maria em todo Oriente, vê-la-eis abençoar os gentios na Missão de Fátima, a nordeste da Ilha Verde, vê-la-eis campear em quase todas as Igrejas de Macau, vê-la-eis ainda surgir pura e bela na Igreja de Santa Teresa a abençoar os portugueses de Kow-Loon e Hong-Kong e sempre cada vez mais esbelta e gloriosa, cada vez mais sublime e engrandecida.

É que em toda a parte onde pulsa um coração português, a toda a parte onde chegam os nossos missionários, em toda a parte onde se ouvem os maviosos acordes da lingua de Camões, a Senhora de Fátima ali tem o seu santuário.

Não digo bem! A Senhora de Fátima é já hoje internacional; ela anda já na alma e no coração de todos os povos e onde Portugal não logrou estender a sua soberania, estendeu a Senhora de Fátima o seu manto de rainha, estendeu o manto real da sua protecção.

A Senhora de Fátima rasgou e transpôs as fronteiras de Portugal e das suas colónias e hoje, do mundo inteiro, eleva-se um cântico grandioso, um hino impetuoso e universal em honra desta soberana Senhora que deseja salvar Portugal que deseja salvar o mundo inteiro, que quer implantar de novo o reino da paz nesta terra mesquinha retalhada de ódios profundos de irmão contra irmão.

Assim, a voz do povo responde à voz do céu.

Em Macau, mais talvez do que em qualquer outra parte fora de Fátima, esta devoção lançou raízes profundas.

Percorrendo eu por ocasião da Bênção das casas, todas as salas e quartos das habitações dos meus parquianos, fiquei santamente edificadíssimo ao presenciar que era para a habitação que no seu oratório não tivesse instalada em lugar bem central e bem patente, uma estátua ou ao menos uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Eis, pois, Macau constituído o centro e o foco de Nossa Senhora de Fátima em todo o Extremo-Oriente.

E quando, por sobre as ruínas de S. Paulo, se erguer em toda a sua envergadura arquitectónica, rasgando as nuvens e desfraldando-se em pleno céu, a grandiosa Basílica de Nossa Senhora de Fátima que lá se intenta construir, então a Roma do Extremo-Oriente assistirá, talvez, ao dia do seu maior triunfo.

No entanto, a Senhora de Fátima tem já uma Basílica em cada coração dos filhos deste bom povo de Macau, cujas cordas mais íntimas vibram em harmonias afetuosas só ao pronunciar o nome da Senhora de Fátima. Sim, ó Virgem, enquanto houver portugueses, enquanto

COISAS QUE EU PENSO

Em poucas semanas deram-se no país dois acontecimentos muito próprios para nos fazerem pensar: a publicação duma carta e a morte dum homem.

Pois pensemos nesses dois acontecimentos. A carta não foi uma carta particular, evidentemente. Foi a carta Pastoral do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa dirigida aos fiéis do Patriarcado, a respeito da falta de clero. A morte foi a de um grande escritor, vítima de um desastre de automóvel dias depois de se ter convertido.

A carta de Sua Eminência não interessa apenas aos fiéis do Patriarcado, interessa a todo o país, porque é no Patriarcado que está a capital, e se por fal-

a família para Inglaterra, porque já lhe roubaram e mataram um filhinho e estava recebendo ameaças de lhe roubar outro.

Estes monstros ordinariamente não se formam nos pequenos meios provincianos, onde a religião exerce melhor a sua influência: criam-se nos grandes centros, onde grandes massas vivem paganzadas e sujeitas à propagação de ideias perversas.

Por isso a carta de Sua Eminência impressionou profundamente o país todo. Publicaram-na todos os grandes jornais, mesmo não católicos, e donatários do sr. Patriarca para sustentação de mais seminaristas, para haver mais sacerdotes amanhã, têm sido enviados mesmo de fora do Patriarcado, por

Mas é, felizmente, o contrário o que se dá. Os padres são poucos agora para um número maior de fiéis e de fiéis que por terem uma vida religiosa mais intensa dão mais que fazer ao clero e porque é preciso conquistar os abandonados.

Há falta de clero, porque em volta de Lisboa, e por todo o Patriarcado, há também esse renascimento religioso que se nota por todo o país, estão-se restaurando igrejas, voltou o culto a muitas que estiveram abandonadas dezenas de anos, há organizações católicas, de operários, de estudantes, cursos, obras enfim, que exigem também clero assistente. E entrar em certas igrejas mesmo da capital e ver como são hoje muito



3 imagens de Nossa Senhora de Fátima — todas benzidas pelo Senhor Bispo de Leiria e tocadas da do Santuário.

A primeira de 1,º30 foi encomendada pelo Rev.º Pfarrer Karl Ehrler e foi exposta à veneração na igreja de Commersdorf (Baden), na Alemanha; A segunda de 1,º25 foi encomendada pelo Rev.º Joseph Fritsch e está exposta à veneração dos fiéis na igreja de Untergriesbach bei Passau, na Alemanha; A terceira de 1,º40 foi encomendada pelo Rev.º Katechet Johann Plawinck e está exposta em Tlumacz — Stanislaw — Polónia.

tá de clero se não acode à des-cristianização, que em longos anos se foi fazendo, das massas populares em Lisboa e arredores, essas populações continuaram a ser, e serão cada vez mais, fácil presa de aventureiros, que as atrairão para desordens funestas a toda a nação.

Ponhamos os olhos no que se passa na América. Publicou-se há pouco o anuário católico, que mostra como a religião progride na grande República dos Estados Unidos; mas ao mesmo tempo reconhece-se que mais de 50 por cento dos seus habitantes, entregues à febre dos negócios, não pratica religião nenhuma; da outra gente, há a grande massa católica em frente do qual de 200 seitas, algumas bem extravagantes, em que se dividiu o protestantismo. Talvez não haja nação nenhuma onde a vida grande parte da população viva sem religião; e também talvez não haja nenhuma outra nação onde o crime esteja tão bem organizado. Nos grandes centros, onde a falta de religião é mais sensível, existem verdadeiras organizações de bandidos, que assaltam em pleno dia, bancos para roubar dinheiro e casas para roubar crianças obrigando os pais a pagar para as resgatarem. Não há muitas semanas que toda a imprensa americana disse que era uma vergonha nacional que o grande aviador Lindbergh se tenha visto obrigado a fugir com

muita gente, que compreende, que se é triste ver pela província a estarse de clero, com os seus maus efeitos, o perigo para todo o país é maior em Lisboa, pois é ali que se aglomeram grandes massas operárias, que até há pouco viviam abandonadas.

E é precisamente porquê da carta do sr. Patriarca se pode tirar uma conclusão errada, que eu quero aqui fazer pensar nela os trezentos mil leitores da Voz da Fátima. Houve gente que discorreu assim: — Se o Senhor Patriarca levanta a voz para bradar aos fiéis que há falta de clero no Patriarcado, então como se compreende que os jornais católicos nos estejam sempre a falar do renascimento religioso que se nota em todo o país? Se Sua Eminência chega a dizer que a formação de clero abundante é uma questão de vida ou de morte para a religião no Patriarcado, parece que vem dar motivo de alegria àquele político de há 25 anos, que anunciava a morte do catolicismo em Portugal em duas ou três gerações! Ao fim de uma já se solta um tal sinal de alarme!

É uma conclusão errada, felizmente! Em primeiro lugar, Portugal não é o Patriarcado e se a religião tendesse a desaparecer no Patriarcado, não se poderia concluir que desaparecerá em todo o país.

E depois, precisamente porque a vida religiosa vem sendo cada vez mais intensa em Lisboa e no Patriarcado, é que a falta de clero é mais sensível agora que há 25 anos. Se com a mudança de regime tivesse diminuído, como diminuiu (e também por outras causas) o recrutamento de clero, mas ao mesmo tempo tivesse diminuído também o número de fiéis, é claro que a falta de sacerdotes não seria tão sensível! Menos fiéis precisariam de menos padres!

mas frequentadas do que há 25 anos e como é insuficiente o clero para atender às necessidades da massa crescida dos fiéis.

As palavras de Sua Eminência são exactas: por motivos vários rarearam as filas do clero, são precisos meios para cultivar mais vocações, porque sem clero esse renascimento, onde se está dando, encontraria dificuldades, e porque nas paróquias sem padres iria continuando a delinhar a vida religiosa que ainda subsiste e aspira a desenvolver-se.

Não! O renascimento religioso é um facto. São cada vez mais numerosos os espiritos que no meio das angústias actuais do mundo se voltam para Jesus Cristo. E Cristo conquista almas em todas as camadas sociais, desde as alturas do pensamento, como esse professor da Universidade do Porto, Leonardo Coimbra, que terminou a sua conversão na véspera do Natal passado e depois morreu no desastre de automóvel, até esses operários e camponeses que em Lisboa e arredores já estão entrando nas nossas organizações e frequentando igrejas reabertas.

Causou grande impressão a morte desse convertido, poucos dias depois da sua conversão total, depois de ter caminhado longos anos para Deus, através duma intensa batalha interior consigo mesmo. Era um dos maiores pensadores portugueses do nosso tempo e foi pensando, meditando, pedindo a Deus plena luz com sinceridade do coração, que chegou à posse da verdade!

Impressionou a sua morte logo após a conversão. Morte de castro, segundo a viram os homens! Deus vê melhor que nós e Ele é que sabe se aquele que tem de receber uma herança convém recebê-la já ou mais tarde! Se tivesse morrido sossegadamente no seu leito, de doença ou velhice, a sua con-

Cinco minutos ao cavaco

Ou doidos ou malvados!

—O compadre Canário, é homem de me resolver aqui umas dúvidas?

—Vamos a ver, compadre Pantaleão. Até aonde chegaram os meus dez réis de fóstoro...

—Ele sempre será certo que há Deus ou não, compadre?

—O compadre ainda aí val, deveras?

—Eu... tenho cá as minhas dúvidas... A gente ouve falar em Deus, mas nunca o viu...

—Razão de peso, compadre Pantaleão! Nunca o viu! É como se dissesse: Ouço falar na Patagónia, mas não sei se existe ou não, porque nunca a vi. Ouço falar em Lisboa e até dizem que quem a não viu, nunca viu coisa boa; eu nunca a vi, por isso não sei se existe a cidade de Lisboa ou se é uma fábula. Os jornais falam no imperador da Etiópia, e publicam-lhe fotografias, com suíças e tudo; mas, como nunca o vi mais gordo nem mais magro, não acredito nele!

—Alto lá, compadre Canário! Não é bem a mesma coisa! A Patagónia, a cidade de Lisboa e o imperador da Etiópia, tenho a certeza que existem, porque, se os não vi eu, há muitos olhos que os viram. Mas Deus, quem é que O viu?

—Quem é que O viu? O compadre Pantaleão não tem uma Bíblia ou História sagrada?

—Anda por lá uma História Sagrada, do tempo do arroz de quinze, lá isso anda! É velha, mas ainda serve para atirar ao gato, quando ele atrepa acima da mesa!

—Então é esse o uso que dá a um livro divino, que tanto respeito merece, por conter a palavra de Deus, compadre Pantaleão? Esse livro é para se ler e guardar com carinho!

—Se quere que lhe fale quanto é franco, ainda não sei de que trata.

—Pois olhe, compadre Pantaleão, dou-lhe um conselho: as noites neste tempo são compridas como a légua da Póvoa; por isso, ao srão pegue na sua História Sagrada, que é um resumo da Bíblia, e depois encarrapite as lunetas em cima do nariz e leia. Lá verá que Deus apareceu muitas vezes a Adão e Eva, os nossos primeiros pais, apareceu a Caím, apareceu a Abraão, apareceu a Moisés, aos profetas da Antiga Lei, etc., etc. Depois me dirá se Deus Nosso Senhor tem sido visto por olhos humanos ou não. Passe em seguida ao Novo Testamento, leia a vida de Jesus Cristo nos Evangelhos e verá se o mesmo Cristo é ou não o próprio Deus que apareceu na terra. Conte, se puder, os milagres que realizou durante a sua vida, precisamente para fazer ver ao mundo quem Ele era.

—O compadre, mas então porque é que Deus não aparece ainda, como antigamente?

—Quem foi que disse ao compadre que Deus já não aparece? Está claro que não aparece ali a qualquer Zé da Horta; mas tem-se manifestado a muitos santos e santas. Leia as vidas dos santos e lá verá como Deus em todos os tempos se tem dignado revelar-se a algumas criaturas privilegiadas.

—E porque será então que Deus não aparece a todos, como aos santos?

—Porque é? Porque nem todos são merecedores disso. De mais a mais, Ele não é nosso criado, para andar sempre a manifestar-se a todo o bicho careta! A nós basta-nos acreditar nele. Se O vissemos com os nossos olhos, nenhuma merecimento tinha a nossa fé.

—Mas então, compadre Canário, para não estarmos aqui a gastar muita cera, como é que podemos ter a firme certeza de que há Deus?

—Olhe, compadre, vou resumir. Em primeiro lugar, já lhe disse que Ele tem aparecido por muitas vezes. Apareceu nos tempos antigos, apareceu na pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é Deus e homem verdadeiro, tem aparecido a muitos santos.

Ora, quem aparece, é porque existe, não é verdade, compadre? —Não resta dúvida, compadre Canário.

—Em segundo lugar, Deus Nosso Senhor tem dado muitos sinais da sua presença na Hóstia consagrada, por meio de milagres realizados no seu Sacrário e sobretudo em Lourdes e Fátima, à passagem da Procissão do Santíssimo Sacramento. Paralíticos que se levantam curados, cegos que recuperam a vista instantaneamente, tuberculosos que se transformam num momento, quando passa o Santíssimo — tudo isto que é, senão uma prova bem eloquente da existência de Deus e da sua presença na Hóstia? —Não, que, sendo assim, já me calo, compadre Canário. —Pois isto que lhe digo, tem sido observado centenas de vezes, compadre Pantaleão. Mas não era preciso tanto, para termos a certeza de que há Deus. Senão, diga-me uma coisa: a sua casa existiu sempre ou não, compadre? —Não. Há mil anos estavam as pedras no monte e as árvores que deram as madeiras ainda vinham em casa de Pilatos. —Bem; se a sua casa não existia há mil anos, porque existia hoje? —Boa pergunta! Porque a fizeram! —Mas o compadre viu alguma vez os pedreiros e os carpinteiros que fizeram a sua casa? —Eu não! Pois se ela é a mais velha da freguesia! Já tem musgo nas telhas, por dentro e por fora! —E o compadre tem a firme certeza de que existiram os artistas que fizeram a casa? —Mas! O compadre faz de mim tolo, ou que é isso? Pois se eles não existissem, como é que haviam de fazer a casa? —Deu no vinte, compadre Pantaleão. Agora, em vez da sua casa, pergunto: o Sol, a Lua, as estrelas, a Terra, que habitamos, os animais, as árvores, enfim, tudo o que se vê e o que se não vê no mundo — essas coisas existiram sempre? —Isso agora é que eu não sei. Nesse ponto estou a zero. —Pois o que o compadre não sabe, sabe-o a Ciência, sabe-o quem estuda. E até nem é preciso estudar, basta raciocinar um pouco. Assim como a sua casa não existiu sempre, assim também o mundo, com tudo quanto encerra, não existiu sempre. Há milhões de anos não existia. Teve um principio, fôse-lá quando fôsse. Está compreendendo, compadre? —Perfeitamente, compadre Canário. Até aí vou eu. Mas quem me diz a mim se foi Deus que criou o mundo, ou quem foi? —Quem lhe diz? Não é preciso ir muito longe. Basta reflectir: o mundo não existiu sempre, teve principio. Por isso alguém o fez, porque ele não se podia fazer a si mesmo. Quem não existe, nada pode fazer. —Isso agora é pelos olhos da cara, compadre Canário! —Pois se mete, deixe entrar o resto: o mundo não se podia criar a si mesmo. Necessariamente, foi alguém que o fez. Esse Alguém só pode ser Um que existiu sempre, Um que não teve principio, porque ninguém O podia criar; é Deus! Portanto, há ou não há Deus? Eis a razão por que o (Continua na 2.ª pag.)

sagrada, por meio de milagres realizados no seu Sacrário e sobretudo em Lourdes e Fátima, à passagem da Procissão do Santíssimo Sacramento. Paralíticos que se levantam curados, cegos que recuperam a vista instantaneamente, tuberculosos que se transformam num momento, quando passa o Santíssimo — tudo isto que é, senão uma prova bem eloquente da existência de Deus e da sua presença na Hóstia?

—Não, que, sendo assim, já me calo, compadre Canário.

—Pois isto que lhe digo, tem sido observado centenas de vezes, compadre Pantaleão. Mas não era preciso tanto, para termos a certeza de que há Deus. Senão, diga-me uma coisa: a sua casa existiu sempre ou não, compadre?

—Não. Há mil anos estavam as pedras no monte e as árvores que deram as madeiras ainda vinham em casa de Pilatos.

—Bem; se a sua casa não existia há mil anos, porque existia hoje?

—Boa pergunta! Porque a fizeram!

—Mas o compadre viu alguma vez os pedreiros e os carpinteiros que fizeram a sua casa?

—Eu não! Pois se ela é a mais velha da freguesia! Já tem musgo nas telhas, por dentro e por fora!

—E o compadre tem a firme certeza de que existiram os artistas que fizeram a casa?

—Mas! O compadre faz de mim tolo, ou que é isso? Pois se eles não existissem, como é que haviam de fazer a casa?

—Deu no vinte, compadre Pantaleão. Agora, em vez da sua casa, pergunto: o Sol, a Lua, as estrelas, a Terra, que habitamos, os animais, as árvores, enfim, tudo o que se vê e o que se não vê no mundo — essas coisas existiram sempre?

—Isso agora é que eu não sei. Nesse ponto estou a zero.

—Pois o que o compadre não sabe, sabe-o a Ciência, sabe-o quem estuda. E até nem é preciso estudar, basta raciocinar um pouco. Assim como a sua casa não existiu sempre, assim também o mundo, com tudo quanto encerra, não existiu sempre. Há milhões de anos não existia. Teve um principio, fôse-lá quando fôsse. Está compreendendo, compadre?

—Perfeitamente, compadre Canário. Até aí vou eu. Mas quem me diz a mim se foi Deus que criou o mundo, ou quem foi?

—Quem lhe diz? Não é preciso ir muito longe. Basta reflectir: o mundo não existiu sempre, teve principio. Por isso alguém o fez, porque ele não se podia fazer a si mesmo. Quem não existe, nada pode fazer.

—Isso agora é pelos olhos da cara, compadre Canário!

—Pois se mete, deixe entrar o resto: o mundo não se podia criar a si mesmo. Necessariamente, foi alguém que o fez. Esse Alguém só pode ser Um que existiu sempre, Um que não teve principio, porque ninguém O podia criar; é Deus! Portanto, há ou não há Deus? Eis a razão por que o

(Continua na 2.ª pag.)

VOZ DA FÁTIMA

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal.

Em Dezembro de 1935 tirou 323.122 e em Janeiro de 1936 326.795 exemplares assim distribuídos:

	Dez.	Jan.
Algarve ...	4.950	5.033
Angra ...	17.333	17.910
Beja ...	4.147	4.288
Braga ...	70.609	72.177
Bragança ...	9.751	9.882
Coimbra ...	15.982	16.381
Evora ...	4.000	4.150
Funchal ...	19.908	20.204
Guarda ...	31.921	30.817
Lamego ...	8.467	8.705
Leiria ...	13.158	13.645
Lisboa ...	8.448	8.840
Portalegre ...	8.213	8.381
Porto ...	46.617	47.161
Vila Real ...	32.927	32.929
Viseu ...	10.372	10.484

306.803 310.987

Estranjero. 3.598 3.688

Diversos ... 12.721 12.120

Total ... 323.122 326.795

B. A. LANÇA

ACÇÃO CATÓLICA



FOLHA MENSAL DA J.A.C.F. - ORGANISMO DA J.C.F.

Rezai...

A oração é para a alma o que a respiração é para o corpo. Se a respiração para, o corpo morre; se se deixa de orar, a alma morre também.

A cada passo, a experiência mostra-nos esta verdade. A oração é a guarda da virtude. Ela nos alcança a força de que carecemos para resistir ao pecado, para resistir às seduções que o mundo nos oferece.

O mundo perde-se porque não ora. Como nos admirarmos da indiferença, da libertinagem, da degradação em que caíram tantas raparigas, mesmo no nosso meio campestre, se na luta não se armaram do escudo da oração? O demónio sabe bem que a rapariga que não reza corre para a perdição, e por isso, trata por todos os meios de nos dissuadir do cumprimento deste dever.

Deus, nosso Pai liberalíssimo, está pronto a dispensar-nos as suas graças, mas quer que lhe peçamos! É preciso que a criatura reconheça a sua dependência e se humilhe.

Rezai pois, queridas jacistas, rezai para adorar e agradecer ao Senhor os benefícios recebidos, para solicitar e receber as graças que precisais.

Rezai com fervor e humildade, sentindo a vossa miséria, os perigos que correis, a necessidade que tendes do socorro do Céu...

Como recomenda Nosso Senhor, façamos da nossa vida uma oração continua, pelo oferecimento das nossas acções, pela aceitação da Sua Santíssima vontade, e pela união da nossa alma na graça de Deus.

Mas no momento da tentação, digobremos as nossas preces. Rezamos muitas vezes, no íntimo do coração: Meu Deus, antes morrer do que ofender-Vos!...

Recorramos, cheias de confiança, à SS.ª Virgem. Ela, a nossa Mãe querida, nunca é invocada em vão... Que pela Sua Imaculada Conceição, Maria, vos guarde sempre puras, humildes e fervorosas...

M. R. F. de C. B. P.ª geral da J. A. C. F.

Cartas Jacistas

Minha querida Emilia

Que prazer me deu a tua cartinha!

Sim, uma jacista deve interessar-se sempre pelo seu movimento, dar-lhe o melhor do seu esforço e dedicação.

Gosto de ver-te assim animada a trabalhar por Cristo N.º Senhor, cheia de zelo pela Sua glória, pelo bem das tuas companheiras e desta querida terra de Portugal que todas desejas ver feliz e respeitada.

Nas nossas aldeias, outrora tão profundamente cristãs — e tanto que 100 anos de campanhas infernais, lentas e disfarçadas umas, (as mais perigosas!) outras violentas, não destruíram completamente os seus sentimentos religiosos, — as nossas aldeias, dizia eu, Cristo foi, em grande parte expulso da família, dos costumes, dos negócios do trabalho, da maneira de pensar e viver.

Nem sei como a misericórdia de Deus tem sido tão grande para conosco. Em vez de castigo merecido, dá-nos os meios de salvação. Aproveitemo-los sem demora. É necessário recristianizar. Dar ao Senhor o primeiro lugar, que é Seu, que lhe pertence de direito e que nós devemos dar-lhe também por amor.

Anda tão esquecida esta verdade de que o catecismo não consiste apenas nalgumas práticas.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Vida jacista através de Portugal

Diocese de Leiria

Reunião Plenária da J. C. F.

No dia 1 de Dezembro a cidade de Leiria juntou, em torno do seu venerando Prelado, numo ardente manifestação de fé e dedicação à Santa Igreja, cerca de 1.700 raparigas.

A Juventude da diocese de Leiria não quis estar só no dia da sua festa. A fim de compartilhar com ela, as suas alegrias e as suas esperanças para que com ela dessem graças ao Senhor, convidou a Presidente Nacional da J. C. F., e uma das nossas mais antigas propagandistas (que poderíamos chamar a propagandista de Leiria), Maria de Lourdes da Câmara Mesquita; e mais a Presidente Geral da J. A. C. F., com a sua Secretária.

Para estas últimas foi uma consolação ver entre as raparigas de 38 freguesias, que se fizeram representar, umas 1.000 jacistas. Muitas vieram à pé e algumas percorreram 30 quilómetros!

A primeira cerimónia foi a Missa das 9 com comunhão geral celebrada por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo. Seguiu-se o primeiro almoço oferecido com paternal carinho pelo Senhor Bispo. Foi a ocasião de nos conhecermos, trocar impressões, cantar, tirar fotografias, etc.

Houve missa solene e Te-Deum ao meio-dia. Ao terminar, todas acompanharam o Senhor Bispo ao Paço onde o hino de Cristo Rei e da Juventude, dando vivas.

As 3 e meia realizou-se a sessão solene no Centro do Seminário na qual usaram da palavra a Presidente Nacional, Presidente da J. A. C. F., por fim o Senhor D. José. Foi com o maior interesse que todas escutaram as oradoras interrompendo-as com os seus vivas e palmas. Sua Ex.ª Rev.ª no seu discurso referiu-se em termos elogiosos às visitantes e mostrou a sua paternal solicitude por aquela parte juvenil do seu rebanho e terminou pedindo que se restaurasse na sua Diocese o uso desta salvação tão cristã e tão portuguesa.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! a que todas responderam prontamente: «Para sempre seja louvado!» Acabou a reunião com a bênção do S.ª. dada de uma janela pelo zeloso Assistente eclesialístico o sr. P.ª Augusto de Sousa Mala a quem cabe grande parte no êxito da reunião.

Depois de um chá oferecido às propagandistas pelas Dirigentes diocesanas de Leiria que foram incansáveis na preparação de tão linda festa, houve nesse dia e no seguinte várias reuniões de estudo entre elas uma para as dirigentes da J. A. C. F. feita pela Presidente e Secretária gerais.

Que todas, mas especialmente as jacistas, guardem sempre vivo o entusiasmo deste dia e com as bênçãos da nossa Mãe do Céu vão, num apostolado de conquista, recristianizar ou atenuar as suas aldeias, restabelecendo em todos os meios rurais o Reino de Cristo e o que deseja a J. A. C. F. de Leiria.

A Secretária Geral da J. A. C. F.

Arquidiocese de Braga

Festa da J. A. C. de Anha

Realizou-se no dia 24 de Novembro de 1935, no núcleo de JAC da freguesia de Anha, Arquidiocese de Braga, uma festa comemorando o seu 1.º ano de vida.

Constituiu de comunhão geral, exposição de trabalhos das Benjamins, que foram muito apreciados, entronização do Sagrado Coração de Jesus e sessão solene.

Esta pequena a sala da Sede para

No Mercado

A manifestação de Cristo

na sua Pessoa e na sua doutrina

A segunda Pessoa da Santíssima Trindade incarnou, isto é, fez-se homem, para vir ao mundo e trazer a revelação do Reino de Deus.

Para se revelar, precisava de se dar a conhecer, de se manifestar.

Manifestou-se, como sendo o Caminho, a Verdade e a Vida.

O Caminho. Jesus Cristo é Deus, porque é o Filho do Pai. Deus, porque Deus, todas as suas acções, por mais pequenas que pareciam, têm um valor infinito, porque são acções divinas. Mas Jesus também é homem. Incarnou, tomou a nossa natureza humana, fez-se um de nós. Por isso as suas acções são também humanas, isto é, são acções praticadas por um homem. Se são acções humanas, são acções que podem ser imitadas pelos homens. «Eu dei-vos o exemplo, disse Jesus, para que assim como eu procedi, assim vos procedais também». Se Jesus fosse Deus apenas, não o poderíamos imitar. Mas como é também homem, podemos. Foi com razão, por isso, que Nosso Senhor, manifestou aos homens como sendo o Caminho que todo o homem deve seguir na sua marcha para o Céu. Nos domingos depois da Epifania! (palavra que quer dizer «manifestação»), Jesus espalhou os seus benefícios, enuncia as ideias do seu Reino. Nas orações litúrgicas pede-se a graça de seguir este Caminho — caminho que nos é apresentado na vida oculta de Jesus e na sua vida pública.

A Verdade. Como Deus, Jesus é a Ciência Suma, a Ciência Divina. Fez-se homem para mais facilmente manifestar aos homens a Verdade procedente de Deus. Pôs Jesus essa Verdade ao alcance dos homens, por meio de parábolas sobretudo. Depois da Sua Morte, os Apóstolos comentaram e desenvolveram a doutrina de Cristo, nas suas Epístolas. Podemos, portanto, conhecer a Verdade — a doutrina de Jesus — pelas Epístolas e pelos Evangelhos nos quais se narra a vida de Jesus e se narrou as parábolas e a doutrina que Ele pregou.

Jesus Cristo é, por isso, a Verdade Suma. Como tal exige da nossa vida, a virtude da Fé.

A Vida. A vida divina é a graça de Deus, isto é, o dom de amor de Deus, a habitação da S.ª Trindade nas nossas almas.

A união com Deus vem simbolizada nas núpcias de Caná da Galileia, narradas no Evangelho do 2.º domingo depois da Epifania.

O Amor é a vida, porque «aquele que não ama, diz S. João, permanece na morte». E Cristo é o Amor. Cristo é a Vida, portanto.

Toda a nossa Religião se concentra em Jesus Cristo, a quem devemos seguir (imitando-O), a quem devemos ouvir (porque é o Verbo de Deus — a Palavra de Deus — a Verdade) e a quem devemos amar (porque é o Amor — a Vida).

Ouçamos a manifestação de Jesus e nunca nos esqueçamos de que Ele é o nosso Caminho, a nossa Verdade e a nossa Vida.

— Se assim for veremos as nossas aldeias livres dos costumes que não eram do meu tempo. Olha, filha, vai à reunião. Eu vou ao compadre Anasácio. Quando estiveres despachada vai ter comigo.

Mafalda de S. Gens

Campanha de Orações da J. C. F. FEVEREIRO

Orar para que as apóstolas da J. C. F. se enchem de zelo na realização da Campanha Pascal.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

De todas as consolações, o trabalho é a mais fortificante e a mais sã, porque alivia o homem, não lhe trazendo doçuras, mas exigindo-lhe esforços.

Devemos cumprir pontualmente e às horas convenientes as nossas obrigações, não só porque isso faz parte dos nossos deveres de estado ou profissão, mas porque essa pontualidade torna-se um hábito, e um hábito já não custa, nem é sacrifício.

VOZ DA FATIMA

DESPESA

Table with 2 columns: Item and Amount. Includes Transporte, Papel, Franquias, etc.

Donativos desde 1930

- List of donors and amounts: André Chichorro, Filomena de Jesus, Ana Formigal, etc.

Coitadinho!... Metia dó!...

Era de manhãzinha. O pobre do homem deitara-se muito depois da meia noite. Pois nem assim o deitavam. Trabalho cada vez mais trabalho: não lhe dá o momento de descanso.

As vezes quasi se chega a aborrecer. Naquela manhã então era uma coisa horrível.

Um enorme maço de correspondência. Quando chegou ao fim atou as mãos à cabeça, aflito, sem saber o que havia de fazer.

Metia dó. Imaginem que metade daquelas cartas eram a fazer novas encomendas.

Haviam chegado do Brasil no último barco. Sim, porque, no Brasil, quando se trata de imagens de santos e sobretudo de Nossa Senhora de Fátima ninguém discute.

Há apenas um nome e um artista e esse em Portugal.

José Ferreira Theádm Coronado Santo Tirso

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Advertisement for Verichrome film, featuring an illustration of a woman and a camera, with text describing the film's quality and availability.

Padaria Lamecense

Antigo Forno da Alegria de M. S. Cavalaria e C.ª Suc.ª. Largo dos Aviadores Telefone n.º 11.

Esta acreditada casa fabrica com higiene, assado e semário, toda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, e brios.

Esta Officina, Rua Luciano Cordeiro, 92-1.ª. Equ.ª Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massas.

A ESPANHOLITA

Os patrões demoravam-se a massar o café; a «Espanhólita» tirava o aventalinho branco, guardiã de duns recortes hirtos de goma que, excedendo o vestido, batiam no cano das botas andaluzas, substituído por um de riscado grosseiro, e descia ao pequeno jardim a fazer a rega.

Porque seria ela só a «Espanhólita» aquela aldeia quasi raiana onde abundavam por tal modo os seus patricios? Naturalmente porque se extremava de todas as rapariguinhas da região daquém e da além Guadiana.

Seria necessário designá-la assim para nos convencermos da sua nacionalidade, contra a qual protestavam o rostozinho alvo e fino, os olhos e os cabelos de tons de avelã, a voz duma doçura e melodia impressionantes. E se fosse portuguesa, necessário seria inventar qualquer outro epíteto que a distinguisse também...

A «Espanhólita» desce, pois, a escada estreita, sobre cujos muros, trechados de cal, se espreguiçam grandes de vide. Vai buscar o regador e dar principio à tarefa. Espanhólita portuguesa, ela sabe que a sua verdadeira pátria é lá no alto, naquele azul interminável e para lá volta constantemente os olhos, mesmo ocupada, mesmo os olhos de alguma semente...

Contra aquela imensidade, ora dum tom de pérola, semeada de flocos rubros, destaca-se a torre da igreja encastada no vélio castelo como bandeira de trigo, alva de neve, a ressaltar do bastião negro. E, sob

Padaria Lamecense

Antigo Forno da Alegria de M. S. Cavalaria e C.ª Suc.ª. Largo dos Aviadores Telefone n.º 11.

Esta acreditada casa fabrica com higiene, assado e semário, toda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, e brios.

Esta Officina, Rua Luciano Cordeiro, 92-1.ª. Equ.ª Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massas.

A ESPANHOLITA

ela, reside o doce Jesus — não só naquela hora tão triste, sem uma alminha junto dele... talvez, sem uma flor fresca... talvez mesmo, sem uma luz! — O sacrifício é tão desceido...

A ideia de que Jesus está às escutas é intolerável para a «Espanhólita». É só atravessar o «Pomarinho», abrir uma cancela, e eis a casita do Corcovado, Bate, ninguém responde; mas lá de dentro vêm roncões sibilantes...

A pequena levanta o aldrab e mergulha o olhar no interior já sombrio. O Corcovado, com os braços sobre a mesa e a cabeça sobre os braços, ressona. Na sua frente, uma grãfaca, de-certo vazia.

Oh, sim! Jesus está às escutas! O coração bem lho dizia... A um lado da lareira, pendente, está a pesada chave da igreja. A criança não tem uma hesitação: vai buscá-la num prouto e sai correndo. Não leva sequer um lenço que deite sobre a cabeça ao entrar na igreja: — Deixá-lo! Deixá-lo! o avental!

Cerra-se a noite. A grande porta voltada ao bascante está já envolta em completa obscuridade. Os dedilhos frágeis tateiam o officio da fechadura; a chave entra... Mas, como movê-la?

— Jesus! Meu Jesus!... geme a «Espanhólita». Sagrado Coração de Jesus... eu tenho confiança em Vós! E a chave obedece.

Nos altos vitrais passam ainda táneus claridades, mas, cá em baixo,

Padaria Lamecense

Antigo Forno da Alegria de M. S. Cavalaria e C.ª Suc.ª. Largo dos Aviadores Telefone n.º 11.

Esta acreditada casa fabrica com higiene, assado e semário, toda a qualidade de pão de trigo, fino e de família, e brios.

Esta Officina, Rua Luciano Cordeiro, 92-1.ª. Equ.ª Lisboa, fabrica e vende directamente ao público imagens em madeira, marfim e massas.

A ESPANHOLITA

tudo é bruma — na capela-mór como no resto: a lampada está apagada! Jesus está às escutas!

A mulher do Corcovado, ao regressar a casa, dumaz voltas pelo quintal, depara com o marido na posição em que o encontrara a «Espanhólita».

Há quanto tempo estará ali... Toda a nossa Religião se concentra em Jesus Cristo, a quem devemos seguir (imitando-O), a quem devemos ouvir (porque é o Verbo de Deus — a Palavra de Deus — a Verdade) e a quem devemos amar (porque é o Amor — a Vida).

Ouçamos a manifestação de Jesus e nunca nos esqueçamos de que Ele é o nosso Caminho, a nossa Verdade e a nossa Vida.

— Se assim for veremos as nossas aldeias livres dos costumes que não eram do meu tempo. Olha, filha, vai à reunião. Eu vou ao compadre Anasácio. Quando estiveres despachada vai ter comigo.

Mafalda de S. Gens

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

A medalha de Nossa Senhora de Fátima Graças de N. S.ª de Fátima Uma santa portuguesa criada de servir

SANTA TERESA DE OURÉM

Maria já quasi que nem vive!... Faltam 20 dias para o José, o seu José chegar!... Eram muito novos quando começaram a conversar; ele ainda nem tinha ido às sortes, mas chegou-lhe a vez e teve que partir...

E meteram a caminho de Fátima. O automóvel, devido à aglomeração de carros teve que parar a uns dois quilómetros da Cova da Iria e os seus passageiros fizeram a pé o resto do trajecto. Quando chegaram, estava a começar a procissão que precede a Missa dos doentes.

Na véspera de se ir embora os dois trocaram as suas promessas de amor, a tardinha, quando, com o rancho alegre dos trabalhadores, regressavam do campo a cantar...

Um pouco atordoados, os foliões ainda tentaram gracejar, mas a pouco e pouco calaram-se, tiraram o chapéu e maquinalmente foram cantando com a multidão dos peregrinos:

—Maria, murmurou ele, se tivesse a certeza que me eras fiel, que esperavas por mim, partia menos triste... Neste momento passavam pela igreja, os sinos tocavam as Ave-Marias...

—Avé! Avé! Avé Maria! O José estava impressionadíssimo!

—Anda, disse ela, lá dentro dou-te a resposta... Entraram e ajoelharam... Ela, orou fervorosamente... Ele, um pouco enfiado, rezou também, mas distraído.

O ambiente de Fátima acordou repentinamente nele a sua fé e parecia-lhe que tinha deixado lá adiante na estrada, dentro do automóvel, todas as ideias ruins que ultimamente lhe tinham metido na cabeça.

Finalmente Maria ergueu-se, entrou de novo no automóvel, pegou na medalha de N. S.ª de Fátima e disse:

Como fascinado, foi andando, andando, metendo-se pelo meio da multidão, não sem levantar, aqui e ali, alguns protestos, mas de repente parou...

—Olha, José, nem tu nem eu, sabemos ler nem escrever... Vais para longe e não te posso dar notícias, nem receber as tuas, nem quero pedir a ninguém que te dê por mim...

—Foi uma noite mais adiante estava Maria de joelhos, a rezar, alheia a tudo, como naqueles dias, a tardinha, quando tinha trocado com ele as suas promessas de amor.

Toma esta medalha, é a da minha Primeira Comunhão. Lá no quartel lembra-te que ta dei a tardinha, a hora das Ave-Marias. Na cidade também há igrejas. Quando ouvires tocar as Ave-Marias, pensa que a essa hora, estou aqui a rezar por ti e, quando dueres, entra tu também na igreja a rezar por mim.

—Por quem rezaria ela? Ainda se lembraria dele, ingrato e infiel que osuara, propor-lhe um casamento civil?...

—Não nos podemos escrever, mas assim, será como se a S.ª de Fátima da minha medalha, desse notícias nossas um ao outro.

—Começa a bênção dos doentes... Senhora, fazei que eu veja! Senhora, fazei que eu oiga! Senhora, fazei que eu ande!

—José pegou na medalha, beijou-a e, sem dizer palavra, guardou-a no bolso de dentro do casaco.

—Lembra-se que a rapariga chorou quando lho disse. Embora virasse a cara para o lado, ele bem viu.

—O José era bom, simples, crente... Voltara com as mesmas ideias? Conhece tantos rapazes que a vida militar, na cidade, perdeu. Que será dela, se ele for desse número, se também volta sem fé?...

—A multidão canta o adeus a Virgem e logo começa a debandada.

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

—O José chegou, mas tão diferente, tão diferente do rapaz que trocava promessas de amor, junto ao altar da igreja aonde ambos foram baptizados e fizeram a Primeira Comunhão!

—José aproveitava para se aproximar de Maria. —Perdão, murmura baixinho. A rapariga virou-se de repente e tem uma exclamação de alegria!

GRAÇAS DIVERSAS

No Continente

A filha do sr. dr. José Maria P. Gens, Batalha, teve uma sunita maxilar diagnosticada ao Raio X. Tendo ido em Abril para fazer o tratamento que o caso requeria encontrou-se já curada, favor que sua Mãe atribua a Nossa Senhora de Fátima e a S. Teresinha do Menino Jesus.

—D. Maria Isabel de C. Silva Moraes, Cova do Viriato, Viscu, diz o seguinte: «Cheia de reconhecimento, venho agradecer a N. S.ª de Fátima muitas e importantes graças que por sua maternal intercessão me têm sido concedidas do Céu.

—Francisco Rodrigues dos Santos Lima e sua esposa, da freguesia de Anha, receberam de N. S.ª de Fátima um insignificante mas agradável presente do qual ocreceram a N. S.ª uma escola superior a mil escolas oferecidas também uma escola em agradecimento da mesma graça o sr. Manuel José da Costa Novo — Vila Fria.

—Jorge da Costa Lima, Viana do Castelo, recorreu a N. S.ª de Fátima numa ocasião em que se encontrava muito aflito com um ataque de falta de ar. Tendo recebido por intercessão de N. S.ª de Fátima o auxílio que implorou, vem agradecer publicamente tão insignificante favor.

—D. Anélia Santos — Foz do Douro, alcançou por intercessão de N. S.ª de Fátima a graça do desparecimento dum quisto que tinha no peito. Como prometeu, pede a publicação do favor recebido.

—D. Maria de S. José Moreira das Neves, Asilo de Nun'Alvares — Lisboa, deseja agradecer a N. S.ª de Fátima diversas graças temporais e espirituais que do Céu recebeu por sua maternal intercessão.

—Augusto Pinho dos Santos — Rial de Baixo — Válega, com a sua fotografia, enviou a esta Redacção os dizeres que transcrevemos: «Confissão do Fé.

«A voz da consciência não se deve fazer calar, e eu, que padeci durante largos meses de uma doença que a própria medicina não venceu com a sua adiantada ciência, faltaria ao mais sagrado dos deveres da minha vida se, com estas singelas palavras que traduzem um profundo agradecimento da alma, não viesse publicamente declarar o meu reconhecimento eterno ante a graça de N. S.ª de Fátima do Rosário de Fátima que me restituiu a saúde.

—Apelho, pois, a seus pés, reconhecido e humilde.

—José Mendes Tinoco — Aveiro, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento por duas graças que alcançou por intercessão de N. S.ª de Fátima, sendo uma delas a cura de sua filha Ana que sofria de meningite e a outra a cura de sua esposa que sofria do estômago.

—Joaquim Henriques Laranjeiro, Alvorinha — Caldas da Rainha, vendo a sua esposa amargurada com sofrimentos que a molestavam, recorda.

—D. Maria de S. José Moreira das Neves, Asilo de Nun'Alvares — Lisboa, deseja agradecer a N. S.ª de Fátima diversas graças temporais e espirituais que do Céu recebeu por sua maternal intercessão.

—Augusto Pinho dos Santos — Rial de Baixo — Válega, com a sua fotografia, enviou a esta Redacção os dizeres que transcrevemos: «Confissão do Fé.

«A voz da consciência não se deve fazer calar, e eu, que padeci durante largos meses de uma doença que a própria medicina não venceu com a sua adiantada ciência, faltaria ao mais sagrado dos deveres da minha vida se, com estas singelas palavras que traduzem um profundo agradecimento da alma, não viesse publicamente declarar o meu reconhecimento eterno ante a graça de N. S.ª de Fátima do Rosário de Fátima que me restituiu a saúde.

—Apelho, pois, a seus pés, reconhecido e humilde.

—José Mendes Tinoco — Aveiro, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento por duas graças que alcançou por intercessão de N. S.ª de Fátima, sendo uma delas a cura de sua filha Ana que sofria de meningite e a outra a cura de sua esposa que sofria do estômago.

—Joaquim Henriques Laranjeiro, Alvorinha — Caldas da Rainha, vendo a sua esposa amargurada com sofrimentos que a molestavam, recorda.

—D. Maria de S. José Moreira das Neves, Asilo de Nun'Alvares — Lisboa, deseja agradecer a N. S.ª de Fátima diversas graças temporais e espirituais que do Céu recebeu por sua maternal intercessão.

—Augusto Pinho dos Santos — Rial de Baixo — Válega, com a sua fotografia, enviou a esta Redacção os dizeres que transcrevemos: «Confissão do Fé.

«A voz da consciência não se deve fazer calar, e eu, que padeci durante largos meses de uma doença que a própria medicina não venceu com a sua adiantada ciência, faltaria ao mais sagrado dos deveres da minha vida se, com estas singelas palavras que traduzem um profundo agradecimento da alma, não viesse publicamente declarar o meu reconhecimento eterno ante a graça de N. S.ª de Fátima do Rosário de Fátima que me restituiu a saúde.

—Apelho, pois, a seus pés, reconhecido e humilde.

—José Mendes Tinoco — Aveiro, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento por duas graças que alcançou por intercessão de N. S.ª de Fátima, sendo uma delas a cura de sua filha Ana que sofria de meningite e a outra a cura de sua esposa que sofria do estômago.

—Joaquim Henriques Laranjeiro, Alvorinha — Caldas da Rainha, vendo a sua esposa amargurada com sofrimentos que a molestavam, recorda.

—D. Maria de S. José Moreira das Neves, Asilo de Nun'Alvares — Lisboa, deseja agradecer a N. S.ª de Fátima diversas graças temporais e espirituais que do Céu recebeu por sua maternal intercessão.

—Augusto Pinho dos Santos — Rial de Baixo — Válega, com a sua fotografia, enviou a esta Redacção os dizeres que transcrevemos: «Confissão do Fé.

«A voz da consciência não se deve fazer calar, e eu, que padeci durante largos meses de uma doença que a própria medicina não venceu com a sua adiantada ciência, faltaria ao mais sagrado dos deveres da minha vida se, com estas singelas palavras que traduzem um profundo agradecimento da alma, não viesse publicamente declarar o meu reconhecimento eterno ante a graça de N. S.ª de Fátima do Rosário de Fátima que me restituiu a saúde.

—Apelho, pois, a seus pés, reconhecido e humilde.

—José Mendes Tinoco — Aveiro, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento por duas graças que alcançou por intercessão de N. S.ª de Fátima, sendo uma delas a cura de sua filha Ana que sofria de meningite e a outra a cura de sua esposa que sofria do estômago.

—Joaquim Henriques Laranjeiro, Alvorinha — Caldas da Rainha, vendo a sua esposa amargurada com sofrimentos que a molestavam, recorda.

—D. Maria de S. José Moreira das Neves, Asilo de Nun'Alvares — Lisboa, deseja agradecer a N. S.ª de Fátima diversas graças temporais e espirituais que do Céu recebeu por sua maternal intercessão.

—Augusto Pinho dos Santos — Rial de Baixo — Válega, com a sua fotografia, enviou a esta Redacção os dizeres que transcrevemos: «Confissão do Fé.

re em seu favor a N. S.ª de Fátima, e tendo alcançado a graça que pretendia vem aqui manifestar o seu reconhecimento a tão boa Mãe.

—D. Maria Clara — Parada Tocha, obteve de N. S.ª de Fátima a cura de uma senhora sua amiga que já havia ido para o Porto para ser sujeita a uma operação melindrosa. Profundamente agradecida pela graça que alcançou pede o favor da sua publicação.

—D. Maria Carreira — Carris — Evora, agradece a N. S.ª de Fátima uma graça concedida a uma sua filha que estava prestes a morrer, agradecendo também uma outra graça que fora concedida a um seu filho que se encontrava também, em mau estado.

—D. Maria dos Anjos Tavares — Monte — Murtoas, agradece a N. S.ª de Fátima uma graça particular que por sua intercessão lhe foi concedida do Céu.

—A Ir. Maria das Dores Magalhães, religiosa em Vila do Conde, diz o seguinte: «Tive uma alheira da beira da sepultura, e Nossa Senhora dignou-se ainda curar-me.

Foi uma graça enorme! Quando parecia exalar o último suspiro, recorri a N. S.ª de Fátima por meio da B. Paula e as melhores tornaram-se bem patentes e repentinas. Se eu já era muito devota da Mãe do Céu, agora a minha devoção redobrou, como era natural.

Pedi a publicação de tão grande graça no jornalzinho de N. S.ª de Fátima.

—D. Robina Bessone de Medeiros Amorim, dos Açores, diz o seguinte: «Durante alguns anos sofri do estômago, e como não encontrasse a cura na medicina da terra, recorri a N. S.ª de Fátima e ao SS. Coração de Jesus de quem obtive a minha cura radical. Torno conhecida esta graça bem como uma outra de minha sobrinha, curada de uma furunculose, as quais agradeço a N. S.ª de Fátima e ao SS. Coração de Jesus.

—Jaime da Costa — Faial, Açores, deseja manifestar aqui o seu agradecimento pela cura de seu Pai, para obter a qual bastou fazer uma novena com essa intenção em honra de N. S.ª de Fátima.

—D. M. Almeida Moniz — Funchal, escreve dizendo o seguinte: «Tendo eu há meses sido acometida por uma doença gravíssima que me

obrigou a uma operação melindrosa, recorri a N. S.ª de Fátima pedindo-lhe a graça de ser feliz na minha operação. Como agora me sinto perfeitamente curada e considero isso uma grande graça da Santíssima Virgem de Fátima, escrevo esta carta para que, sendo publicada na «Voz da Fátima», preste pública homenagem de reconhecimento a tão boa Mãe do Céu.

—O Rev. Missionário P.º Henrique Gross, escreve da Missão de Cabinda, dizendo o seguinte: «Venho com esta cumprir um dever para com N. S.ª de Fátima em nome de um dos nossos Irmãos.

Estava ele na Europa o ano passado, onde devia submeter-se a uma operação grave. Na sua angústia recomendou-se a N. S.ª de Fátima, prometendo mandar publicar a graça obtida se recuperasse a saúde para voltar a trabalhar em terras de Missão.

E graças a N. S.ª de Fátima, foi ouvido e está de novo a fazer o trabalho de Missionário zeloso.

Acrescento que a devoção e confiança a Nossa Senhora de Fátima vão aumentando nas nossas Missões. Várias Capelas lhe são dedicadas. No último 13 de Maio lá fomos a uma delas celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Havia alegria como numa grande festa o que fez com que o dia 13 fosse celebrado com solenidade.

Aqui na Missão, no dia 13 de cada mês, canta-se durante a missa e dá-se a Bênção do Santíssimo Sacramento para solenizar o dia das aparições de Nossa Senhora de Fátima. Que ela nos ajude na conversão destes povos.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a sua família, aqui vem manifestar o seu vivo reconhecimento a tão boa e carinhosa Mãe do Céu.

—D. Isabel Falcão de Miranda — Campinas, Brasil, alcançou de N. S.ª de Fátima a cura de um seu filho que, na idade de 2 anos, foi atropelado gravemente por um automóvel a ponto de os médicos o declararem incurável. Feita uma Novena a N. S.ª de Fátima a cura foi rápida e radical, favor este que agradeço a N. S.ª de Fátima porque foi Ela quem lhe valeu.

—D. Dolinda Gabriela — filha de José de Sousa Gabriel — Ribeirão Preto, Brasil, tendo recebido de N. S.ª de Fátima uma graça espiritual muito importante para toda a

